

## A CÁRITAS

### 4 – O Homem e a Organização da Cidade

**P.** *Boa tarde. A Cáritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco está mais uma vez connosco para conversar e reflectir sobre os problemas que afectam a sociedade contemporânea, com especial incidência nas pessoas mais desprotegidas e carenciadas.*

*Elicídio Bilé, a quem saúdo desde já, traz-nos um novo tema, na sequência dos programas anteriores, que tem a ver com a mobilidade das pessoas, a organização das cidades e os constrangimentos à socialização.*

*Por isso, começo por lhe perguntar o porquê desta temática.*

**R.** Boa tarde. Para lhe responder, recordo o tema do anterior programa. Conversámos sobre as dificuldades que se apresentavam ao homem de hoje para viver numa sociedade, marcadamente, egocêntrica e dividida por uma dicotomia de “Esquerda/Direita”; “Prós e Contras”; “Luta/submissão” e falámos também da organização social sob os pontos de vista: político, social e religioso.

A conversa de hoje, na sequência do que então dissemos, pareceu-me ser importante para concretizar alguns desses aspectos, olhando para o país em que vivemos, para as nossas cidades e para as nossas comunidades.

Neste sentido, um dos aspectos mais relevantes prende-se com o crescimento, o ordenamento, e a evolução sociológica do território, a partir de factos concretos.

É sobre isso que iremos conversar.

Está recordado que, no ano passado, abordámos aqui o problema dos fogos florestais e das suas consequências em termos humanos e materiais.

Constatámos que esta catástrofe veio demonstrar, claramente, a enormidade dos erros cometidos e as disfunções existentes, as quais, nas últimas décadas se traduziram numa tragédia humana, envolvendo, para além das pessoas que perderam a vida e os haveres, também árvores e animais foram dizimados, provocando um prejuízo económico de grandes proporções.

Ao voltar a referir esta tragédia que, como estamos recordados, a Cáritas contribuiu de forma decisiva para minimizar a sua dimensão, é para colocar no ar uma discussão que, quanto a mim, deve ser levada até às últimas consequências, isto é, devem ser ultrapassadas as meras medidas de prevenção e de combate aos fogos florestais, apesar da sua importância.

Está aí o verão, por isso é fundamental que se aproveite a oportunidade, em que ainda se fala de ambiente, para olharmos para o desordenamento da nossa floresta.

Estabelecemos, deste modo, a relação com um dos aspectos da conversa de hoje – **o ordenamento do território.**

***P. O desordenamento florestal, que originou a tragédia que nos recorda, é um dos aspectos do desordenamento do território. Pergunto-lhe quais são os outros?***

**R.** São vários. Vou referir apenas um ou dois.

Nos últimos anos assistimos a uma explosão no crescimento das nossas cidades. Não uma explosão provocada pela demografia, isto é, pelo aumento da população em termos de nascimentos, mas uma explosão provocada pela saída das pessoas que viviam nos campos e nos meios rurais, fruto das alterações introduzidas na política agrícola, para descerem aos grandes centros urbanos à procura de trabalho e de outro modo de vida. Por esse facto as cidades tiveram que ser refeitas para dar resposta ao crescimento originado.

Mas, fazer uma cidade não é tarefa fácil e simples. Não basta desenhar com régua e esquadro as vias de comunicação, os loteamentos, e o perfil arquitectónico das casas. Mas aquilo que aconteceu foi um pouco como acabo de descrever.

Na generalidade dos novos loteamentos, não foi tida em conta a componente humana, pois as cidades são espaços para se desenvolver a vida, nem foi tida em conta a socialização, porque a vida é para ser vivida em comunidade – o homem não pode ser feliz sozinho.

Tomemos como exemplo a cidade de Portalegre e o seu crescimento urbanístico.

- O que constatamos?

Constatamos que os excessos provocados pelos técnicos no desenvolvimento da cidade contribuíram para o aparecimento de novas conflitualidades.

À volta da cidade foram surgindo novas urbanizações e, na sua generalidade, não foram tidos em conta diversos factores que vão desde a falta de estruturas sociais, culturais e lúdicas ou de lazer, até à qualidade ambiental, paisagística e de acessibilidades.

Não vou especificar, mas olhemos para:

- A planificação do Bairro dos Assentos e na ausência de infra-estruturas básicas;
- A concepção do Bairro do Atalaião;
- O casario implantado no acentuado declive do Bairro das Carvalhinhas;
- A urbanização do Bairro do Areeiro do lado de Portalegre, onde os vizinhos quase se podem cumprimentar com um aperto de mão sem sair das respectivas casas;

- As acessibilidades e o ordenamento urbanístico e paisagístico da nova urbanização situada entre a estrada da serra e a corredoura, entre o Crisfal e a Escola de S. Lourenço.

- ...

Perante isto, eu pergunto:

- Não parece que estamos perante uma atitude especulativa, no sentido de construir muito em terreno tão curto, sobretudo nas últimas urbanizações a que atrás me refiro?
- Que se valorizaram mais os aspectos económicos em detrimento das pessoas?
- Quem está a lucrar, ou já lucrou com isso?
- Estará a cidade de Portalegre condenada a crescer para a serra, deixando-a mutilada na sua grandiosidade paisagística e agravada com custos de construção muito mais elevados e com constrangimentos para a circulação de pessoas e veículos?
- Não possui a cidade uma zona mais propícia para a sua expansão, como seja, todo o vale da cidade, quer para sul, quer para poente?
- E esta zona, que sendo plana, não permitirá construções a custos manifestamente inferiores e uma urbanização mais rectilínea com amplas avenidas, tendo em conta tudo aquilo que atrás refiro relativamente às questões da socialização das pessoas dentro das suas comunidades, das infra-estruturas, do ambiente e da qualidade de vida?

Olhando para esta nossa cidade, parece-me pertinente o problema que inicialmente levanto:

- Não estará a faltar formação técnica aos nossos técnicos?

- Será que o problema é de engenharia ou de arquitectura?
- Artístico ou paisagístico?
- Não faltará ao nosso sistema formativo a inclusão de uma área específica em matéria de “Ciências do Território”?
- De que estamos à espera?

**P.** *De facto, esse é o comentário que ouvimos a muitas pessoas preocupadas e atentas a essa problemática. Em seu entender que caminhos poderiam ser traçados no sentido de inverter esta situação?*

**R.** Eu não sou técnico, nem possuo formação específica para propor soluções técnicas. Sou um simples observador, preocupado com a forma como vivem os nossos concidadãos, com a forma como o homem é minorizado na planificação das cidades e no ordenamento do território em geral. Preocupa-me que, para além do flagelo do desemprego, da precariedade do emprego do aumento exponencial da carga fiscal, da retirada de benefícios sociais às pessoas portadoras de deficiência e da dificuldade no acesso à saúde, ainda exista a penalização provocada pela falta de condições de habitabilidade das populações, motivada pela deficiente organização do território.

Mas, para lhe responder, embora dentro dos condicionalismos que atrás refiro, repare no seguinte:

Nos últimos anos têm vindo a crescer, em número, os cursos no âmbito do ensino superior, sobretudo na área das engenharias onde existem cerca de 180 cursos. No entanto, infelizmente, ainda não apareceu neste panorama um curso de “Ciência do Território” autónomo quanto à sua metodologia e concepção.

Enquanto isso não acontece, se é que acontece alguma vez, continuamos a caminhar com ligeiros afloramentos interdisciplinares sobre o desenvolvimento do território, sobretudo nos cursos de Engenharia Civil e Arquitectura, entre outros ligados ao Ambiente e à Sociologia.

Quando refiro a necessidade de caminhar no sentido de se criar, com autonomia, o estudo da “Ciência do Território”, sendo eu “leigo” nesta matéria, tenho unicamente como objectivo, lançar ideias para se encontrarem respostas que ponham termo ao aparecimento de urbanizações que parecem ter como única finalidade, a rentabilização do espaço para obtenção de maior lucro por metro quadrado.

***P.** E, em seu entender, qual deveria ser o perfil científico dessa formação académica?*

**R.** Não sou a pessoa indicada para o descrever, mas parece-me que a “Ciência do Território” a que aludo teria como objectivo: o conhecimento (para posterior optimização) das relações entre a sociedade e o meio físico territorial no qual se desenvolve a vida dessa mesma sociedade.

Partindo do pressuposto que o território tem as suas próprias leis de desenvolvimento, independentes da dinâmica dos ecossistemas naturais, as mudanças na estrutura, na forma, na função do território e no desenvolvimento das cidades, podem provocar transformações sociais, económicas e ambientais com particular incidência na qualidade de vida das pessoas.

Por isso, em meu entender, a “Ciência do Território” a par do ordenamento territorial e do urbanismo que dela pode derivar, deverão fazer parte do núcleo central das Ciências Sociais, salvo melhor opinião.

Não pode pois ser tratada, simplesmente, em termos de engenharia, nem exclusivamente em termos artísticos como acontece com a arquitectura ou

as obras públicas que estruturam o território rural e urbano, mas antes, deverá ser uma ciência de aproximação entre as pessoas e marcada por um planeamento integrado tendo em conta vários aspectos, tais como:

- A rápida circulação de viaturas;
- O aumento da comodidade e liberdade dos peões;
- O bem-estar e integração das respectivas comunidades;
- O incremento da felicidade e sociabilidade da população;
- E, por esta via, o conseqüente aumento da produtividade das empresas, motivada por uma melhor qualidade de vida dos trabalhadores, numa altura em que a Europa nos confronta com esse problema.

Como já referi, o impressionante crescimento demográfico das cidades, a nova fisionomia da cidade industrial, cuja dinâmica urbanística se desenvolveu em torno das unidades industriais mais relevantes e, por outro lado, o recrudescimento do 3.º sector – o sector social e o sector dos serviços – geraram profundas mudanças sociais e ambientais que levaram ao desenvolvimento das ciências sociais, mas não foram acompanhadas por uma conveniente articulação urbanística.

Um exemplo do que estou a referir é a deficiente elaboração dos PDM's – Planos Directores Municipais – que assentam, quase exclusivamente, em alguma preocupação de ordenamento, baseada em simples conceitos de arquitectura e engenharia.

Poderia referir a título de exemplo o PDM da cidade de Portalegre, cuja revisão está a gerar tanta polémica provocada por razões de política partidária.

Basta ler, entre outros, a introdução e enquadramento do Plano Geral de Urbanização do Bairro dos Covões para se constatar que, para além do

plano de edificações, só se contemplaram – valha-nos ao menos isso – alguns espaços livres entre os arruamentos.

**P.** *Para além desta vertente do ordenamento do território, como meio de promoção da qualidade de vida dos cidadãos, existem outros problemas. Quer referir mais algum?*

**R.** Não pretendo ser exaustivo, mas como referi no início, existem outros problemas de igual importância que provocam constrangimentos na qualidade de vida das populações. Vou referir só mais um, atendendo ao tempo de que dispomos e que se prende com a mobilidade das pessoas nas nossas cidades.

Para isso volto a dar o exemplo da cidade de Portalegre, porque a maioria dos nossos ouvintes, vive na região, ou aqui trabalha.

Como sabemos, a cidade sofreu nos últimos anos profundas alterações na sua morfologia o que originou diversos constrangimentos à circulação das pessoas.

É natural que isso tivesse acontecido, pois de outro modo não poderiam ter existido os benefícios de que hoje todos desfrutamos. Foi um sacrifício assumido pela autarquia, aceite pelos habitantes e com resultados bastante positivos para todos.

Passado o período das construções, dos arranjos paisagísticos e da melhoria das infra-estruturas, o que ficou?

- Um trânsito desordenado e um estacionamento caótico. Situação que já vinha do passado, que se agravou durante as obras, e se mantém depois das mesmas.

- Os automóveis estacionam em cima dos passeios que deviam ser para os peões; estacionam nos eixos das vias, mesmo dentro das curvas ou nas



passadeiras para peões e em segunda fila; estacionam, ainda, defronte das garagens dos prédios.

O grande argumento para este “fechar de olhos” por parte das autoridades, foi que, com as obras e a falta de estacionamento, tinha de se facilitar.

Mas agora que as obras terminaram, que se construíram novos parqueamentos, eu pergunto:

- Porque se mantém e até se agravou esta situação?
- Porque razão se ignora que na nossa cidade existem algumas dezenas de invisuais e amblíopes que estão privadas de utilizar os passeios para peões?
- E as inúmeras crianças que vão para a escola, e as pessoas com dificuldade de locomoção que se expõem a atropelamentos porque são obrigados a circular na via pública, pois os passeios por onde deviam circular, têm lá os automóveis e os olhos fechados das autoridades?

**P. *A quem atribui a culpa da situação?***

- *À polícia?*
- *Ao imobilismo da autarquia, a quem cabe o ordenamento do trânsito e do estacionamento?*
- *À falta de civismo dos condutores?*

**R.** Mais importante do que denunciar os culpados, o que me move são as vítimas desta anarquia.

A polícia só age por denúncia ou por indicação superior, o que não se compreende muito bem. A autarquia e a comissão municipal de trânsito não desbloqueiam os entraves que foram criados por causa das obras, agora já terminadas, no sentido de fazer cumprir o “código da estrada” de uma forma não exclusivamente repressiva, mas pedagógica. E os condutores, infelizmente por falta de civismo, aproveitam-se do laxismo de quem tinha obrigação de fazer cumprir a lei e zelar pela segurança dos cidadãos.

É que esta permissividade colide com os direitos de cidadãos que, pelo facto de serem portadores de deficiência, ou serem crianças, ou idosos, não podem usufruir da cidade, em igualdade de circunstâncias com os restantes.

Outra situação que constatamos em Portalegre é a falta de coordenação e de respeito dos diversos empreiteiros que, após terem aberto o buraco, o tapam de tal forma que o piso não fica repostado convenientemente, com todos os perigos que daí advêm para todas as pessoas, sobretudo para os mais debilitados fisicamente. Esses mesmos empreiteiros que colocam sinalização de proibição de trânsito ou de estacionamento, sem critério e sem autorização dos serviços responsáveis, utilizando todo o tipo de materiais para os construir.

E, a entidade – Câmara Municipal – a quem compete em simultâneo, o acompanhamento e fiscalização das obras, não faz esse acompanhamento, ou também fecha os olhos.

A mesma Câmara Municipal que, a propósito de qualquer manifestação encerra o trânsito por dias consecutivos no centro da cidade, causando transtornos a todos os habitantes, atendendo às suas características urbanísticas. Veja-se o que aconteceu com o encerramento ao trânsito na zona de acesso ao hospital, a propósito de uma manifestação desportiva, originando a retenção de uma ambulância, que transportava doentes urgentes, durante cerca de uma hora.

***P. O nosso tempo está a chegar ao fim. Quer concluir, deixando-nos uma última palavra?***

**R.** Para terminar diria que o exercício que aqui fizemos foi para manifestar preocupações que se prendem com a qualidade de vida das pessoas.

O egoísmo que grassa na sociedade contemporânea deixa-nos muitas vezes indiferentes aos problemas que existem à nossa volta. Por isso a

preocupação com a socialização das pessoas, a organização das cidades e a mobilidade das pessoas dentro do território, devem ser uma preocupação de todos. Tudo devemos fazer para inverter a tendência existente de não se olhar o homem como o verdadeiro destinatário de tudo o que existe e de tudo o que se cria e constrói.

Compete a cada um de nós a denúncia dos atropelos, por isso, enquanto cidadão e enquanto responsável na Cáritas Diocesana, deixo este meu contributo.

Para todos, muito boa tarde

**P.** *Terminamos, desta forma, mais uma participação da Cáritas Diocesana neste tempo de antena que a Rádio Portalegre nos disponibiliza.*

*Agradeço ao Elicídio Bilé a sua participação e a exposição que nos deixou e desejo a continuação de muito boa tarde a todos aqueles que seguiram a nossa emissão.*

*Até ao próximo programa de hoje a quinze dias neste mesmo horário.*

Portalegre, 25 de Abril de 2007

Elicídio Bilé